



## **RISCO EM ESCALA GLOBAL: COMO A OMS E AS MÍDIAS NOS ENSINAM A TEMER/PREVINIR DOENÇAS NA CONTEMPORÂNEIDADE**

Camilo Darsie

(Orientador, Prof. Dep. História e Geografia e PPGEdu/UNISC)

Daniel F. Schroeder

(Acadêmico de Geografia UNISC)

Douglas L. Weber

(Acadêmico de Geografia UNISC)

**Resumo:** Em um mundo onde a circulação de pessoas, de produtos e de informações se tornou rápida e facilitada, possíveis epidemias colocam em estado de alerta diferentes profissionais e agências ligadas à saúde, as mídias que divulgam as informações ligadas a elas e, conseqüentemente, as populações que são interpeladas por tais conhecimentos. As preocupações são fundamentadas pela impossibilidade de controle sobre novos casos de contágio depois de as doenças estarem disseminadas nos centros urbanos. É importante ser ressaltado, neste contexto, que as dinâmicas que envolvem as chamadas cidades globais, caracterizadas pela compressão espaço-tempo, seriam algumas das principais responsáveis pela aceleração do aumento de casos de doenças infecciosas em curtos períodos e pela dificuldade de controle sobre elas. Assim, diante dos desafios que envolvem essas questões, estratégias de informação/educação podem ser tomadas como ferramentas poderosas. Partindo disso, situados na perspectiva teórica dos Estudos Culturais, no texto que segue, problematizamos alguns dos aspectos discursivos que envolvem as recomendações da Organização Mundial de Saúde enquanto estratégias educacionais que atravessam diferentes sujeitos e oportunizam transformações nos significados e na organização do espaço. Acreditamos que as recomendações – contidas em muitos de seus documentos oficiais – se configuram como artefatos culturais

que almejam educar as pessoas, como já foi dito, no que se refere às ações e precauções a serem tomadas em caso de possíveis surtos de doenças. Isso pode ser justificado pelo fato delas operarem no sentido de alertar sobre as doenças propriamente ditas, demarcar os espaços nos quais ocorrem ou não, sinalizar as populações mais vulneráveis, apresentar e reiterar as formas de prevenção. No entanto, consideramos que a eficácia no que se refere à popularização dessas orientações é promovida pela divulgação delas a partir das mídias de massa. Assim, tais recomendações se articulam aos conhecimentos cotidianos e podem fazer emergir verdadeiras epidemias de medo sustentadas pelos riscos que envolvem a emergência dessas doenças. Além disso, tomamos as ideias desses autores na direção de localizar as dinâmicas espaciais enquanto elementos que auxiliam e que sofrem modificações em decorrência de valores culturais que podem ser aproximados ao tema.

**Introdução:** Nos encontramos em um contexto espaço-temporal – em escala global – em que as mais diversas informações se propagam quase que instantaneamente por meio de diferentes meios de comunicação. Esta realidade, em alguns casos, é constituída e reforçada em função do grande número de deslocamentos de pessoas e de produtos que ocorrem, tanto no interior de territórios distintos quanto entre eles. Associando tais argumentos, é possível ser dito que a necessidade de monitoramento e de alertas ligados ao surgimento e propagação de novas e velhas doenças tem se tornado um elemento de grande importância no que diz respeito ao controle de epidemias. Neste sentido, esta pesquisa direciona suas preocupações aos discursos promovidos pelas agências ligadas à saúde – em especial a Organização Mundial da Saúde (OMS) – que acabam sendo divulgados por meio das mídias e, conseqüentemente, pelas populações que são atravessadas por eles. As preocupações que envolvem tais discursos são fundamentadas pela impossibilidade de controle sobre casos de contágio/infecção depois de doenças estarem disseminadas nos centros urbanos, pois neles a intensidade dos fluxos de deslocamento e a aglomeração de pessoas seriam propícios ao aumento de casos de

contágio/infecção. É importante ser ressaltado, neste contexto, que as dinâmicas que envolvem as chamadas cidades globais, caracterizadas por aquilo que determinados autores chamam de compressão espaço-tempo, seriam algumas das principais responsáveis pela aceleração do aumento de casos de doenças infecciosas em curtos períodos e pela dificuldade de controle sobre elas. Assim, diante dos desafios que envolvem essas questões, estratégias de informação/educação podem ser tomadas como ferramentas poderosas, especialmente, quando aproximadas das novas dinâmicas espaciais. **Objetivos:** Discutir alguns dos aspectos discursivos que envolvem as recomendações da Organização Mundial da Saúde, mais especificamente as contidas no Guia para Padronização da Comunicação em caso de Surtos Epidêmicos, lançado em 2008, enquanto estratégias que visam a informação e a educação de sujeitos. Conseqüentemente, atentamos às transformações nos significados e na organização do espaço que podem emergir em função de tais recomendações. **Material e Método:** Foram aproximados conhecimentos do campo da Educação, da Geografia e da Saúde, sob a perspectiva dos Estudos Culturais, com o objetivo de problematizar as recomendações e as práticas defendidas pela agência. O conjunto de materiais analisados, em um primeiro momento, foi composto por diversas publicações oficiais da OMS – 11 principais e 35 complementares – acerca do controle de doenças em escala global. Posteriormente, foram destacados elementos relativos às recomendações direcionadas aos modos de comunicação e engajamento das mídias no que se refere à divulgação de possíveis epidemias enquanto ferramenta de controle de doenças. Para problematizar alguns dos aspectos discursivos que envolvem as recomendações da OMS foram feitas discussões e reflexões baseadas naquilo que Michel Foucault chama de Análise do Discurso. Neste sentido, ressalta-se que o olhar não se fixou aos textos escritos ou ditos, propriamente ditos, mas às práticas que lhes constituem e os tornam possíveis. **Principais resultados:** As recomendações da OMS se configuram como artefatos culturais que almejam educar as pessoas, no que se refere às ações e precauções a serem tomadas em caso de possíveis

surtos de doenças. Isso pode ser justificado pelo fato delas operarem no sentido de alertar sobre as doenças propriamente ditas, demarcar os espaços nos quais elas ocorrem ou não, sinalizar as populações mais vulneráveis, apresentar e reiterar as formas de prevenção. Os argumentos giraram em torno do fato de que as dinâmicas espaciais, associadas aos discursos sobre os riscos de infecção por doenças, oportunizam a emergência de uma espécie de educação para geografia do risco e do medo. Essa forma de educação, tem sido considerada relevante e eficiente no que diz respeito aos novos modos por meio dos quais a Organização Mundial de Saúde tem buscado controlar a saúde das populações. Elas se articulam às preocupações, próprias de nosso tempo, em que o espaço e as dinâmicas de circulação, podem facilitar a propagação de doenças antes do surgimento ou distribuição de medicamentos e vacinas adequadas. **Conclusão:** Teve-se a intenção de problematizar alguns elementos que podem ser destacados a partir da articulação entre o caráter informativo/educativo que envolve as diferentes mídias, os conhecimentos acerca de doenças infecto contagiosas que são produzidos e divulgados pela Organização Mundial de Saúde e as dinâmicas espaciais que ocorrem em tempos de globalização, a partir da perspectiva analítica dos Estudos Culturais. Observamos que as mídias, articuladas aos conhecimentos divulgados pela área da saúde, em especial aqueles produzidos pela OMS, oportunizam uma aproximação de diferentes cidades por meio do risco de propagação de doenças. Neste contexto o que chamamos de “risco em escala global” representa uma transformação do espaço/espacialidades em função dos alertas que são lançados mundialmente e que parecem aproximar riscos que se encontram, muitas vezes, em áreas materialmente distantes.

Palavras-chave: Saúde. Risco. Global.